

ENCONTROS, DESENCONTROS E TRAVESSIAS: RESSONÂNCIAS DA EXPERIÊNCIA EM ARTE, ARTÍSTICA E DOCENTE

Hednamar Maria Pereira¹

Resumo

O presente artigo se compõe de uma autobiografia descrita com o primeiro propósito de "desenhar" o meu percurso de encontro com a Arte. Para desenvolvê-lo busquei resgatar da memória momentos importantes que marcaram esta travessia de encontro ao conhecimento em Arte, a partir das ressonâncias de experiências de vida, artística e docente. Após este desenho, também se acrescenta outro propósito, que é conceituar a palavra experiência e esta em relação à racionalidade e à emoção no fazer artístico e em arte. Diante do exposto, surgem os seguintes questionamentos: É importante este exercício autobiográfico do professor de arte para entender sua experiência com a arte, num percurso de tempo? De que modo sua experiência pode afetar, também, a experiência dos educandos no Ensino de Arte?

Palavras-chave

Autobiografia. Arte e Ensino. Experiência.

Recebido em: 13/10/2019

Aprovado em: 16/12/2019

¹ Possui graduação em Artes Visuais - Pintura pela Universidade Federal de Minas Gerais (2004) e Licenciatura em Desenho e Plástica pela mesma Universidade. Tem experiência na área de Artes, com ênfase no Ensino de Artes nos níveis: fundamental, Médio e Superior (Tutora no Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais - UAB/EBA/UFMG). É Especialista em Docência Do Ensino Superior pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Atualmente é mestranda do Prof-Artes - EBA-UFMG. hednamarp@gmail.com

Abstract

This article is composed of an autobiography described with the purpose of drawing my path of encounter with Art. In order to develop it, I tried to retrieve from memory important moments that marked this journey against knowledge in Art, based on the resonances of my life experiences, artistic and teaching. After this drawing, another purpose is also added, which is to conceptualize the word experience in relation to rationality and emotion in artistic and art making. Is this autobiographical exercise of the art teacher important to understand his experience with art over a time course? How can your experience also affect the experience of learners in Art Teaching?

Keywords

Autobiography, Art and Teaching. Experienc

Introdução

Assim como a ação de caminhar exige projeções de passos, se construir como artista-professor-pesquisador exige projetar “passos” em regiões planas, íngremes e em penhascos, os quais nos afetam por todos os lados. Ao chegarmos ao topo, no qual nos encontramos hoje, conseguimos avistar os rastros deixados ao longo de um percurso, e isso nos permite resgatar nossa experiência de encontro com a arte, com o conhecimento em arte, e o fazer artístico, seja como artista, seja como professor-artista-pesquisador. Este artigo se compõe de duas partes. Na primeira parte realizei um relato autobiográfico e na segunda parte busco apresentar definições e reflexões sobre experiência segundo Dewey e Larrosa. Na primeira parte em “o encontro com a Arte”, descrevo situações que me levaram a buscar a formação superior em Arte. Em “o conhecimento, a busca e o desencontro do eu artista”, destaco uma trajetória do reconhecimento do pouco saber em Arte e da busca pelo saber em Arte, o que me distanciou do eu artista. Já em “o encontro com a docência” me refiro ao meu encontro com o ensino de arte. Em “o reencontro com o meu eu artista” é algo que começa a permear minhas lembranças e afetamentos pedindo socorro para se tornar visível. “No encontro com a docência”, me projeto como professora-artista-pesquisadora, que é uma tríade complexa, mas instigante e vibrante. Por fim, na segunda parte, em “a importância da experiência no processo de criação e ensino aprendizagem em arte” busco definir o termo experiência problematizando-a em relação ao tempo, à emoção e à racionalidade.

O encontro com a Arte

*“Eu nasci num recanto feliz
Bem distante da povoação
Foi ali que eu vivi muitos anos
Com papai, mamãe e os irmãos”.*

(Música: Meu reino encantado – Daniel)

Um lugar sereno, de muitos sons, texturas, cores, espaços e perigos. Neste lugar me reexperienciei criança, pequenina, curiosa, corajosa e muito criativa. Por não poder ter os brinquedos que eu queria, eu os fabricava - bonecas de pano, dominós, pipas, bolas de saco plástico, biboquê, ioiô, ludo, redes, cabaninhas e gangorras. Para fazê-los focava na matéria prima, papéis, tecidos, linhas, sabugo de milho, cabelo de milho, dentre outros, buscando explorar suas potencialidades e possibilidades de transformação. Algumas proposições davam certo, outras eram descartadas prontamente ou deixadas de lado à espera de uma solução satisfatória.

Mas isso tudo para mim era uma habilidade natural, não via essas como algo de extraordinário até que certo dia um dever de casa me afetou: desenhe sua casa como ela é. Passei horas imaginando como fazê-lo, então peguei uma cadeira e fiquei a certa distância observando e foram surgindo linhas, formas, detalhes da arquitetura, o telhado, o alpendre com suas samambaias, o jardim, as outras construções ao fundo. A professora me nomeou como uma artista. Não entendi bem o termo, mas isso sempre ressoava em mim.

O tempo foi passando e no 5º ano e 1º ano do ensino médio me reencontrei com a disciplina de artes em outro contexto, que distanciava e muito da percepção e do conhecimento que tenho do ensino de arte hoje.

Após formar o ensino médio em técnico de contabilidade, pensei em ampliar meus estudos para chegar à universidade. Meu pai era muito sistemático e rude e na primeira tentativa em fazer um curso médio científico obtive como resposta: “pobre não faz faculdade”.

Diante desta recusa paterna, passei então a me dedicar aos estudos de forma isolada e ao artesanato - crochê, ponto cruz, vagonite, pintura em tecido, tricô, cartões com papel vegetal, até que algo pudesse acontecer.

Fui recenseadora no IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e auxiliar administrativo no hospital da minha cidade – Capim Branco. Com o meu primeiro salário comprei, dentre outras

coisas, o curso de desenho e pintura da Editora Globo. Além desses, fiz um curso de pintura na cidade vizinha com a artista plástica e professora Marília, formada pela Escola Guignard.

Em 1998, tive contato com o manual do estudante da UFMG e decidi: “Vou ser artista”. Formei um grupo de estudos e no primeiro ano que fiz o vestibular fiquei na expectativa e ao sair o gabarito, decepção: não tinha passado. Continuei com o grupo de estudos e tentei vestibular novamente. Eu passei na primeira etapa, mas não fui aprovada na segunda. Mas era a primeira excedente. Acendeu uma luzinha no fim do túnel e no mês de abril de 1999, já pensando em voltar aos estudos, recebi uma carta convocação para efetuar o meu registro acadêmico na tal sonhada UFMG. Não sabia o que dizer e por dentro explodia de tanta alegria.

Na mesma época eu recebi a proposta de ser a gerente do hospital onde trabalhava. Larguei tudo e parti para o meu tão almejado sonho: “ser artista”, e isso me rendeu 3 meses de silêncio do meu pai.

Ficava a semana na república e todo final de semana voltava para o sítio e na viagem de retorno me soava o verso da canção:

*“Espera, minha mãe, estou voltando
Que falta faz pra mim um beijo seu
O orvalho das manhãs cobrindo as flores
E um raio de luar que era tão meu.”*

Música: Fogão de Lenha – Chitãozinho e Xororó

Voltar às origens, naquele lugar sereno, de muitos sons, texturas, cores, espaços e perigos fazia reviver a criança crescida, que se fazia forte e imponente, mas que por dentro estava muitas vezes fragilizada e perdida.

O conhecimento, a busca e o desencontro do meu eu artista

Agosto de 1999, lugar agitado.

Muitos passos apressados em uma Avenida larga,
Que em perspectiva, findava na Praça de Serviços.

Meus passos eram tímidos.

Grifos meus

O encontro com a academia não foi tão amistoso no início. Muitas coisas que lia, ouvia e tinha contato, eram em sua maioria, novas para mim: a forma, a cor, as texturas, composição, técnicas de desenho e pintura, história da Arte, Atelier de Pintura, diário de bordo de artista, escrita acadêmica, exposição, galeria de Arte, portfólio, estética, Arte Contemporânea.

Dediquei-me exclusivamente aos estudos. Lia muito, desenhava, pintava.

No 5º período optei pela minha paixão, a pintura. Percebi neste período que ser artista não é uma tarefa fácil, era algo mais que dom e habilidades artísticas. Conversando com alguns colegas optei em fazer paralelamente com o Bacharelado, a Licenciatura. Eram formações distintas e a Licenciatura tentava mostrar a que veio.

No atelier de pintura experimentei várias técnicas em busca de uma que pudesse corresponder melhor ao que eu propunha, passando pela têmpera vinílica, encáustica, aquarela, guache, acrílica, até chegar, por fim, na têmpera a ovo. Registrava tudo no diário de bordo, que tenho até hoje comigo.

Certo dia eu resolvi apresentar meu trabalho para uma professora da Licenciatura, esta me fez duras críticas, as quais me deixaram abalada. A crítica acusava meu trabalho de carga obsessiva, sendo necessária uma limpeza, no que ela nomeou como excesso, não mais visível e necessário para a Arte Contemporânea. Esse afetamento me distanciou do meu eu artista.

Na mesma época, em 2003, a bolsa que recebia da FUMP não era mais suficiente para manter minhas despesas na capital, o que me levou a participar da seleção para a uma vaga de professora de

Artes na Cidade dos Meninos², em Ribeirão das Neves. Apesar da aparência franzina, fui a escolhida com uma ressalva: somente permaneceria vinculada à Instituição se fosse aprovada no período de experiência, isto é, de até 3 meses.

Sob muitos olhares estranhos e vigília permanente, me despi do meu eu artista e fui de encontro ao meu eu docente.

O encontro com a docência

Estar como professora de arte em 2003 foi uma necessidade financeira, primeiramente, que se tornou um fascínio, paixão, até os dias atuais. Considero isso porque sempre procurei entender o que o ensino de arte poderia e pode promover na formação dos jovens com os quais trabalhava e trabalho. Na cidade dos meninos, o que se prezava no processo de ensino aprendizagem, primeiramente era a disciplina, em paralelo ao desenvolvimento cognitivo. Sendo assim, eu teria que buscar atividades que pudessem promover situações de concentração total com o fazer e o conhecimento em arte.

Realizei vários projetos com estes estudantes e no ano seguinte me formei no primeiro semestre Bacharel em Pintura e Licenciada em Desenho e Plástica, simultaneamente. Meu pai compareceu à minha colação de grau e já tinha orgulho do meu feito. Após a formatura decidi investir na formação continuada fazendo matérias isoladas e eletivas na Pós da Escola de Belas Artes, na Faculdade de Educação e na FAFICH, ambas na UFMG.

Refletir sobre o meu saber docente e ampliar minha formação continuada foi uma constante.

Em 2009 comecei minha experiência no ensino à distância no Curso de Especialização no Ensino de Artes Visuais e em 2011 iniciei minha primeira especialização: Docência do Ensino Superior: fundamentos teóricos e metodológicos pela PUC Minas.

² Uma instituição filantrópica que recebe jovens e adolescentes em regime de internato ou como público externo. Os estudantes permanecem o dia todo na instituição se dedicando aos estudos num período do dia e em outro período se inscreve em oficinas ou cursos visando uma profissionalização. No final do dia os internos ficam em casas sob a supervisão do irmão social ou irmã social.

Neste ano de 2018 resolvi participar da seleção do PROF Artes, e fui aprovada. Estar neste Programa é uma experiência ímpar, singular. O meu projeto contemplava: A pesquisa como metodologia de ensino de artes no ensino fundamental. Mas tudo mudou, efetivei em Belo Horizonte em agosto, do mesmo ano, e o público que passei a lecionar era bem diferente daquele que lecionava há três anos. Seria necessário proporcionar mais experiências em artes para este público, de modo que ampliasse seus fazeres em arte, bem como o conhecimento em Arte, consequentemente.

Como na escola havia uma proposta de projeto a ser desenvolvido: Identidades brasileiras, eu me reportei aos projetos novamente como metodologia de ensino, que já desenvolvi noutras oportunidades num contexto de laboratório de arte com pesquisa, problematizações, experiências com criações individuais e coletivas. O primeiro que considero um bom resultado foi o projeto Jovem Artista Contemporâneo e depois, com outros professores da área de humanas, desenvolvemos o I Fórum de Ciências Humanas da E.E. Pedro de Alcântara Nogueira, em Ribeirão das Neves: (Re)conhecimento e resgate da Cidadania³.

A partir destes projetos desenvolvidos percebi que é necessário incentivar o protagonismo estudantil durante a sua vivência escolar com experiências estéticas, o que pode se estender para os outros componentes curriculares.

Em 2016, na comunidade de aprendizagem José Mauro de Vasconcelos, tive o desafio dos agrupamentos de aprendizagem, onde mediávamos o processo de ensino e aprendizagem dos educandos por meio de orientações individuais, e às vezes de forma coletiva. Nestas mediações, retomei a metodologia de projetos, especificamente no laboratório de artes, e à metodologia de pesquisa, na disciplina de introdução à Metodologia de Pesquisa, que tinha como objetivo o desenvolvimento dos trabalhos de conclusão de curso para os estudantes no 9º ano e de conclusão de etapa para os do 5º ao 8º anos. Lembro-me de uma pesquisa de um estudante do 1º ciclo com o tema dinossauro rei. Como vocês podem perceber, as pesquisas não tinham como foco o ensino de

³ Resumo do Projeto: Estabelecer um elo entre pesquisa, reflexão, criação e análise artística presentes na Arte Contemporânea e nos trabalhos desenvolvidos pelos alunos. Trabalhar e compartilhar opiniões coletivas sobre tema e expressões artísticas propostas.

artes, pois os estudantes escolhiam temas de interesse individual e que pudessem contribuir para uma mudança de posicionamento social, com possíveis intervenções locais. Orientei algumas pesquisas com interesses nas artes como: grafite x pichação, ilustração: história, técnicas e projeto de livro Pop Up, outro de grafite em que uma aluna do 8º ano analisava a obra de uma artista grafiteira carioca, o aluno de educação inclusiva pesquisou sobre o rap: história e estudo dos racionais mc, outra aluna do 9º ano aprofundou seus estudos sobre as tatuagens com o título, tatuagem: história e identidade, além de outro que optou por estudar a área de designer de jogos, pois fazia um curso na época nesta área. Hoje, sei que lá, eu utilizava a pesquisa como metodologia de ensino e aprendizagem. Segundo Costiche, Tessaro e Speck (2018)

É importante que se passe a compreender este método de ensino e de aprendizagem como algo que tire o aluno e o professor de seus papéis tradicionais, e que ambos trilhem a caminhada do aprendizado. Para tanto, requer-se que o professor seja também um pesquisador e tenha pleno conhecimento do assunto, atuando como mediador do conhecimento. É fundamental instigar o aluno a ser autodidata, aguçando nele a vontade de pesquisar. Para que o aluno construa a sua autonomia, é de extrema importância que desde o início de sua formação não receba respostas prontas, mas que seja instigado à buscá-las. Ensinar a leitura e a interpretação, a reinterpretação e a produção própria (COSTICHE, TESSARO E SPECK, 2018⁴).

Percebi que estes projetos não se desenvolvem com percursos pré-determinados e rigorosos. Tal como o fazer do artista, o fazer dos estudantes em todos os projetos que desenvolvi e venho desenvolvendo, passam pela angústia do não saber o que fazer, criar perante um tema, escolher um assunto frente a uma folha em branco ou outra materialidade, que se molda com o tempo num constante movimento de ir e vir, visando proporcionar aos estudantes experiências com racionalidade e emoção, tanto no processo de criação como no resultado final.

Através da pedagogia de projetos, percebi que os estudantes estavam diante da possibilidade de construir a aprendizagem com sentido. Segundo Zabala (2008),

⁴ Costche, Tessaro e Speck, 2018. A pesquisa como metodologia de ensino. Disponível em: <https://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-pesquisa-como-metodologia-de-ensino/>. Acesso em 10 de novembro de 2018.

O aluno necessita de incentivos e estímulos. É necessário que conheça sua situação, em primeiro lugar, em relação a si mesmo e, em segundo lugar aos demais. Sem incentivos, sem estímulos e sem entusiasmo dificilmente poderá enfrentar o que lhe é proposto (ZABALLA, 1998, p. 216).

Neste processo me reencontrei na minha busca com o meu eu artista.

O reencontro com o meu eu artista

Apesar da pouca produção artística venho buscando nas minhas origens o que mais me afina com minha história de vida: a repetição do processo, a reflexão e os registros fragmentados espacialmente na memória.

Fecho os olhos e vejo o início do percurso, onde o fio foi tecendo formas, cores, identidades.

São diagramas precisos que mostram os caminhos, mas que podem ser reconfigurados, recriados misturando culturas, identidades (Ver figura 1 e 2).

O tempo, o método e as metodologias configurarão o que virá a tona.

Deixando a artista um pouco de lado, vou buscar um mergulho na temática da experiência e a importância dessa no processo de criação e de ensino-aprendizagem em Arte.



Figura 1. Hedy Namar. Mandala em Crochê. 2015. Aquarela, 13 cm x 13cm. Acervo Pessoal.



Figura 2. Hedy Namar. Rosa azul em ponto cruz. 2015. Aquarela, 22 cm x 15cm. Acervo pessoal.

A importância da experiência no processo de criação e ensino aprendizagem em arte

Ao longo de minha trajetória docente percebi que proporcionar experiências em Arte para os educandos é o que move minhas proposições didáticas no processo de ensino e aprendizagem em Arte.

Por que priorizei esse caminho? Porque os estudantes somente se envolviam mais com alguma proposição em Arte a partir de uma experiência prévia (exposição de imagens, obras de artistas, contato com técnicas diversas) a qual estimulava e potencializava novas experiências no processo de criação dos mesmos.

A partir desta experiência docente me pergunto: Qual a importância da experiência no processo de criação e ensino aprendizagem em Arte? Ela também pode ser considerada responsável pela

autonomia dos educandos frente às novas proposições em Arte e pela relação que esses estabelecem com o "objeto expressivo"⁵, com a fruição e com a obra de Arte?

As construções dos saberes que o ser humano apreendeu ao longo da humanidade, são decorrentes de sua experiência com o meio, consigo mesmo e com os outros. Algumas exigiram um grau maior de envolvimento levando-o à construção de conhecimento. Como isso tudo não se deu da noite para o dia, o tempo é um fator essencial, pois sabe-se que a relação de saberes "é relação com o mundo como conjunto de significados, mas, também, como espaço de atividades, e se inscreve no tempo (CHARLOT, 2000, p. 78)."

O tempo, também, no processo de experiências no ensino de arte, determina como o educando se relacionará com a matéria, o espaço, consigo mesmo e o resultado deste processo, que é a construção do conhecimento em Arte. Andrade afirma "a investigação e o conhecimento em Arte necessitam de um tempo dilatado" (ANDRADE, 2014, p. 142). Esse tempo pode ser determinante para que as experiências se tornem singulares. Segundo Dewey (2010, p.109) a experiência promove uma interação que ocorre continuamente, mesmo diante de situações de resistência e conflito, o que suscitará a intenção consciente, isto é, quando o material vivenciado faz o percurso até sua consecução.

Partindo do pressuposto que as experiências presentes no processo de criação e ensino aprendizagem em Arte podem possibilitar a construção do conhecimento da Arte questiona-se: As experiências vivenciadas pelos educandos no ensino de arte podem estimular e potencializar novas experiências aos mesmos?

Mas o que chamamos de experiência? Há vários significados para a palavra experiência. É a transformação exercida e construída nos sujeitos a partir das suas relações com o meio em que vivem, consigo mesmo e com os outros.

Para Dewey, *apud* WESTBROOK e TEIXEIRA (2010), no plano humano, a experiência envolve o agir e reagir envolvendo além da escolha, da preferência, da seleção, possíveis no plano puramente

⁵ Nomeei objeto expressivo as criações do educando – desenho, pinturas, colagem, esculturas, dentre outras formas expressivas.

biológico, a reflexão, o conhecimento e a reconstrução da experiência. Neste plano encontra-se, também, a experiência no ensino de Arte, pois o escolher, o selecionar e o priorizar aliados à reflexão e ao conhecimento reconstrói experiências envolvendo emoção e racionalidade, tanto no artista, tanto no professor de Arte, quanto no educando. Andrade (2006), destaca a importância de abordar a emoção, inserida no contexto educacional e também na sua relação com o objeto artístico, não priorizando-a em relação à racionalidade, mas como uma das especificidades do campo de conhecimento da Arte, pois,

Quando nos reportamos à emoção do artista, principalmente no âmbito educacional, consideramos necessário que nossos educandos entendam que não estamos apenas nos referindo a processos aleatórios de emotividade no sentido pejorativo. Que a expressão humana, e conseqüentemente a do artista, não prescinde de contextos culturais. E nossos sentimentos necessitam de racionalidade (ANDRADE, 2006, p.25).

A racionalidade e emoção não se separam. Pelo contrário, se integram e fazem parte do contexto da natureza humana, e também do ensino de Arte. Quando a experiência promove reflexão aciona os sentidos que se aliam à racionalidade e à emoção e o conhecimento se constrói. Nesse contexto, o conhecimento em Arte, também, se constrói, pois,

quando consideramos a existência da racionalidade e da emoção no fazer artístico e, conseqüentemente, no objeto de arte, o fazemos porque também consideramos que tais ações e obras possuem uma interface com as estruturas social, política, econômica e contextual do artista que as produziu (ANDRADE, 2006, p. 36).

Larrosa (2015) amplia a abordagem para a palavra experiência, o que chama de ressonâncias. Segundo o autor a palavra experiência vem do latim *experiri*, provar (experimental). Analisa então esta origem, o *ex* da experiência é o ex de exterior, de estranho, de exílio, o *per*, raiz indo-europeia, com a qual se relaciona com a ideia de travessia, e secundariamente com a ideia de prova e *periri*, significa perigo (LARROSA, 2015, p.26-27).

Ao pensarmos essa situação no ensino de Arte, primeiramente em relação ao professor de Arte, percebe-se a existência de experiências artísticas e docentes. Essas se configuram como o resultado de uma travessia, em que o estranho foi trabalhado, provado, no sentido de experienciado,

vivenciado e exposto. Estas experiências podem até influenciar as experiências docentes, mas a aprendizagem em Arte a ser desenvolvida e construída pelos educandos vai além do desejo do professor de arte, mesmo sendo esse o mediador e o propositor da experiência dos educandos, a princípio.

Vale ressaltar que o processo criativo, mesmo que tenha uma proposição comum que o norteie culminará em percursos e resultados diversificados. Isso porque, "O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua e de alguma maneira impossível de ser repetida. O saber da experiência é um saber que não pode separar-se do indivíduo concreto em quem encarna (LARROSA, 2015, p.32)."

A palavra *experiência* reforça a ligação que essa tem com o sujeito, com o meio e suas relações, consigo mesmo e com os outros. Larrosa (2015) diz que ter uma experiência é passar por alguma coisa que não é o sujeito em si, ou seja, é um acontecimento que não é do sujeito, que não se projeta e depende desse. Sendo assim, experiência é que nos passa, o que nos acontece, ou o que nos toca. Essa passagem, esses acontecimentos que tocam os nossos educandos no ensino de Arte não serão os mesmos em cada percurso criativo, pois o conhecimento de mundo, da pesquisa, da matéria, de si mesmo, do outro e da experiência que será executada se formam e se transformam em cada ação, a cada dia. Assim,

O percurso criador deixa transparecer o conhecimento guiando o fazer, ações impregnadas de reflexões e de intenções de significado. A construção de significado envolve referência a uma tendência. A criação é, sob esse ponto de vista, conhecimento obtido por meio da ação (SALLES, 2011, p.127).

Para Dewey (2010) as experiências podem ser modificadas com emoções e ideias resultando na intenção consciente. Se existe uma intenção consciente, ressonâncias do que nos passa e nos toca, há experiência, e esta pode tornar possível a completude de uma ação, um percurso, um ir e vir. Pimentel (2008) afirma que "A experiência tem como propriedade a completude, que é o envolvimento total do sujeito na ação. O sujeito é capturado pelo desafio e imerge completamente na ação de investigar as possíveis respostas a ele (PIMENTEL, 2008, p.92)."

Ter uma experiência pode nos remeter ao processo catártico citado por Duarte *apud* Saccomani (2016) que é quando o homem deixa de se relacionar espontaneamente e passivamente com uma força objetiva passando a se relacionar conscientemente com ela estabelecendo uma relação intencional com essa força, ou seja, uma relação para si.

Ao experienciar de forma permissiva e ativa, seja criando ou recriando, apreciando, lendo, imaginando, tecemos várias relações com o objeto artístico. Assim,

Toda experiência pessoal com objetos artísticos é fruto do que realmente se é e das diversas construções armazenadas ao longo de nossa existência. Assim como conceitos, opiniões e sentimentos, essas formas de conhecimento não são solidificadas a ponto de não poderem se transformar (ANDRADE, 2014, p. 102).

Larrosa (2015) afirma que muita coisa passa por nós, mas por motivos diversos nem tudo o que nos passa, nos toca, nos afeta. Para que haja experiência então no ensino de Arte, é importante vitalizar o processo do fazer e fruir em arte para que a experiência aconteça. Quando se busca uma experiência em Arte sabe-se que o percurso é incerto, duvidoso, não se pode prever seu resultado. Também, sabe-se que o fazer artístico para o artista não acontece da mesma para o professor e para o educando. O artista tem o fazer artístico, a prática investigativa e a pesquisa como norteadores de seu trabalho. O professor de Arte tem o ato de construir suas experiências sob duas vertentes, uma artística e outra docente, onde uma reflete sobre o fazer da outra. Ele organiza sua experiência em Arte, para propor experiências para um sujeito nem sempre artista, com objetivos possíveis de serem alcançados e readaptados conforme vivência e contexto. Já a experiência para o estudante caracteriza-se como respostas a uma proposição exposta ou não pelo professor de Arte. Essa pode atingir a completude de uma ação, culminando na experiência singular.

A cada nova experiência, o resultado se difere, pois se entende que houve um aprendizado decorrente de um determinado tempo mediante estímulos que o ambiente e a proposição que o professor de Arte lhe oferece e lhe instiga. Desta forma, pode-se afirmar que os processos de criação e de ensino e aprendizagem em Arte, enquanto processos que se experiência, podem promover a organização do conhecimento em Arte e a transformação dos sujeitos através da exposição da experiência.

Não só o tempo é um fator essencial para formar e transformar os sujeitos envolvidos no ensino de Arte. Há outros fatores que devem ser levados em consideração como aborda Larrosa (2015). É importante aproximar experiência e sentido. Afinal do que adianta a escola e o que se ensina nela se não nos toca e nos faz sentido para a vida? Segundo o autor, o par, experiência e sentido, nos permite pensar a educação a partir de vários pontos de vista, de maneiras distintas.

A experiência na educação para Larrosa (2015) exige uma relação de respeito ao tempo do outro, pois nada parece determinado. Cada experiência é única, existe e está no sujeito. Para explorá-la no campo pedagógico é preciso duas coisas: reivindicar a experiência – dando-lhe certa dignidade e legitimidade não desprezando a subjetividade, a incerteza, a provisoriedade, o corpo, a fugacidade, a finitude, a vida – e fazer soá-la, tomando as seguintes precauções: não associando-a como experimento, dogmatismo (pretensão de autoridade), como uma prática, como uma elaboração de conceitos, como um modo imperativo – fetiche e de uma palavra de difícil utilização, tornando-a neutralizada e desativada. Por este lado é importante que o professor de Arte reflita sobre suas proposições no ensino de Arte. Que analise se suas proposições oferecem estímulos para os educandos se expressarem conforme suas próprias vivências, percepções e criações de forma autônoma e crítica. Além dessas precauções, o autor afirma que a palavra experiência deve soar próximo da palavra existência, perto da palavra vida. Desta forma,

A experiência seria o modo de habitar o mundo de um ser que existe, de um ser que não tem outro ser, outra essência, além da sua própria existência corporal, finita, encarnada, no tempo e no espaço, com outros. E a existência, como a vida, não pode ser conceitualizada porque sempre escapa a qualquer determinação, porque é, nela mesma, um excesso, um transbordamento, porque é nela mesma possibilidade, criação, invenção, acontecimento (LARROSA, 2015, p.43)

E como será que nós, enquanto professores de Arte, compreendemos essa palavra experiência no contexto de uma sala de aula e precisamente no ensino de Arte? Nossas proposições reivindicam, soam as experiências ou as neutralizam?

Se a experiência é algo que nos forma, nos passa, nos toca e nos transforma, a experiência do professor de Arte é resultante de suas experiências acumuladas e ressoantes ao longo de sua vida, de

sua formação inicial e continuada. É primordial que a ressonância destas experiências se apresentem aos educandos respeitando a subjetividade, a reflexão e a permissividade para a transformação, necessárias, também, para que o educando viva e reviva suas próprias experiências. O saber da experiência trata-se de um saber único e intransferível e se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. Segundo Larrosa,

Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência (Larrosa, 2015, p.32).

O conhecimento e a vida humana demandam percursos temporais e são nestes percursos que as experiências acontecerão. Na Arte e no ensino de arte, também as experiências envolvem tempo e vivência e podem proporcionar capacidade de formação e de transformação. Ao passar por experiências em Arte, tanto o artista, tanto o professor de arte quanto o educando, se as admitem ou não, podem explorar suas múltiplas possibilidades com informação, transformação e conhecimento.

Considerações finais

Construir um memorial que contemple o encontro com a Arte desde nossas origens, perpassando nossa história de vida, formação inicial e continuada, artística-docente-pesquisadora é tarefa instigante. Relendo percebo o quanto produzi e me construí artista-professora-pesquisadora e o elo que há nisso tudo com a experiência.

O conhecimento prático e teórico em arte, isto é, as experiências acumuladas ao longo da vida, propiciam ao professor-artista-pesquisador a percepção de seus encontros e desencontros com a arte. Isso, também, acontece no ensino de arte, onde, artista, professor e educando perfazem suas trajetórias em arte com encontros e desencontros, nos quais as experiências são determinantes.

Falar sobre experiência parece uma tarefa fácil, simples, mas não o é. Conceituar este termo implica associá-la à vida, à ação, reação a uma situação proposta. E essas ações envolvem nossas emoções e racionalidade, levando-nos à construção do conhecimento, especificamente do conhecimento em arte.

Experiência é o que nos toca, nos afeta, nos passa, mas para que essa nos aconteça é necessário que haja encontro. A vivência nestes encontros podem possibilitar desencontros, talvez, e mesmo assim será para cada um de seus viventes, experiência única, intrasferível. Então, pode-se afirmar que nossas experiências ressoam de experiências anteriores.

A experiência na Arte e no Ensino de Arte também exigem encontros, o que pode proporcionar em nossos educandos resultados diversos, semelhantes, únicos e intransferíveis.

Pode-se levar em consideração que os sujeitos e as variáveis que estão imbricados nestes processos possuem características específicas – artistas, obra de arte, educando, professor de arte – os quais vivem, revivem e organizam suas experiências num percurso temporal com formação e transformação.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, Fabrício. Arte-educação: emoção e racionalidade. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Facisa, 2006.

_____. Arte/Educação: Paradigmas do século XXI. São Paulo: Annablume, 2014.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

COSTICHE, Samuel Willian Schwertner; TESSARO, Nathália Bender e SPEC, Raquel Angela. A Pesquisa como metodologia de ensino. In. Pensar a educação em pauta: Um jornal para educação brasileira. Disponível em <http://pensaraeducacao.com.br/pensaraeducacaoempauta/a-pesquisa-como-metodologia-de-ensino/>. Acesso em 15.09.2018.

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. In. Ouvirouver. Uberlândia v. 11 n. 1 p. 88-98 jan/jun. 2015.

SALLES, Cecília. Gestos Inacabados. Processo de Criação Artística. São Paulo, Fapesp. Editora: Annablume, 2008.

SARCCOMANI, Mária Cláudia da Silva. A criatividade na arte e na educação escolar: uma contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de Georg Lukács e Lev Vigotski. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.
WESTBROOK, Robert B. TEIXEIRA, Anísio (trad. e org. José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues). John Dewey. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Editora Massangana, 2010. Coleção Educadores (MEC). Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me4677.pdf>. Acesso em 10/08/2019.

ZABALA, Antoni. A prática educativa: como ensinar. Porto Alegre: ArtMédicas, 1998.